

# Governo negocia duro

A queda do presidente do Banco Central, Fernão Bracher, há algumas semanas prevista e reivindicada pelo PMDB, pode representar sintoma de que o Governo adotará uma posição mais dura na negociação da dívida externa nas próximas semanas.

O próprio ex-presidente admitiu a existência de divergências entre sua posição e a exigida pelos parlamentares do PMDB na condução da negociação. Tanto o PMDB quanto eu, disse Bracher, estamos de acordo em pagar a dívida externa — “a diferença está no “quantum” a ser pago a cada ano”. Diversos parlamentares do PMDB afirmaram recentemente que o Banco Central não pode ser dirigido por alguém que está disposto a pagar a dívida externa como deseja os banqueiros.

Dentro do ministério da Fazenda, o ex-presidente do BC também enfrentava a oposição cerrada dos dois principais assessores econômicos do ministro Funaro, os economistas Luis Gonzaga de Mello Belluzzo e João Manoel Cardoso de Mello. Ambos entendem que a solução das dificuldades internas somente será possível a partir do equacionamento dos problemas externos, de forma a não pressionar o mercado interno e o processo de crescimento.

As projeções relativas ao comportamento do comércio exterior, encaminhadas por Bracher aos credores na recente negociação da dívida com o Clube de Paris, são criticadas por Belluzzo e João Manoel. Bracher garantiu aos credores que o País deverá produzir um superávit comercial de 10,2 bilhões de dólares este ano, enquanto os dois assessores acreditam que não será possível

produzir um saldo superior a 8 bilhões de dólares.

Para os assessores de Funaro, é fundamental que o País transfira um volume menor de recursos como pagamento dos serviços da dívida — nos últimos anos tem transferido cerca de 12 bilhões de dólares anualmente aos banqueiros — para permitir a continuidade do crescimento econômico. A própria taxa de juros, na opinião de Belluzzo, João Manoel e dos demais assessores econômicos da Fazenda, somente cairá a partir de um equacionamento da situação externa.

No momento, torna-se necessário conter a demanda interna para segurar a inflação, disse um assessor ministerial, mas se o Governo conseguir encaminhar uma negociação satisfatória da dívida esse problema poderá ser controlado com relativa tranqüilidade. A demanda aquecida deixou o País sem condições de continuar importando matérias-primas e equipamentos industriais necessários ao crescimento.

O objetivo do Governo é negociar para obter entre 3,5 e 4 bilhões de dólares de dinheiro novo junto aos bancos, mas as informações à disposição são de que os bancos estão dispostos a emprestar somente entre 1 e 2 bilhões de dólares, mesmo assim através de novos mecanismos que descartam uma negociação plurianual e redução das taxas de risco (spreads) adicionadas à taxa de juros. Para forçar os bancos a cobrar um spread menor é que torna-se necessário, segundo o assessor ministerial, adotar uma posição mais dura. Bracher achava que o endurecimento seria inconveniente.